

Clube de leitura entre os muros do cárcere

Ciro Athayde Barros Monteiro (UNESP) - cirocosmos@gmail.com

Resumo:

A prisão é o lugar em que os limites dos seres humanos são testados, momento de autorreflexão em que é possível repensar todos os caminhos percorridos e escolhas feitas até aquele instante. Nesses momentos muitas situações podem acontecer com a pessoa em situação de privação de liberdade, ou seja, aprofundar ainda mais suas capacidades de contatos e pensamentos vinculados ao crime, ou ter a possibilidade de seguir outro caminho que lhe é ofertado por meio da educação. Uma dessas ações é o clube de leitura, encontro mensal em que o educando pode partilhar suas reflexões, produzir conhecimento e se apropriar do processo de aprendizagem. Nesse contexto, relato a experiência de mediar um clube de leitura prisional em um Centro de Progressão Penitenciária do interior paulista, tentando mostrar como funciona esses encontros no interior da prisão. O texto narra as tentativas de aproximação do clube com a universidade, os livros lidos e algumas discussões e reflexões oriundas do debate. Tal relato de funcionamento tem por pretensão dar visibilidade ao projeto, buscar aproximação e apoio das universidades e incentivar as unidades prisionais de todo país a realizarem essas reuniões que acabam por potencializar as atividades educacionais que visam a reintegração do educando na sociedade.

Palavras-chave: *clube de leitura, mediação da informação, apropriação da informação*

Eixo temático: *Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás*



XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Vitória, 01 a 04 de outubro de 2019.

Introdução

A prisão é o lugar em que os limites dos seres humanos são testados, momento de autorreflexão em que é possível repensar todos os caminhos percorridos e escolhas feitas até aquele instante. O escritor Dostoievski, que ficou dez anos preso, relatou a prisão como um mundo que “[...] nada tinha de análogo com esse outro: eram leis, costumes, hábitos característicos, uma casa morta-viva, uma vida à parte de homens à parte (DOSTOIEVSKI, p. 08)”.

Nesse momento de angústia e autorreflexão, muitas situações podem acontecer com a pessoa em situação de privação de liberdade, ou seja, aprofundar ainda mais suas capacidades de contatos e pensamentos vinculados ao crime, ou ter a possibilidade de seguir outro caminho que lhe é ofertado por meio da educação. Uma dessas ações é o clube de leitura, encontro mensal em que o educando pode partilhar suas reflexões, produzir conhecimento e se apropriar do processo de aprendizagem. Nesse contexto, relato a experiência do funcionamento de um clube de leitura prisional em um Centro de Progressão Penitenciária do interior paulista.

Clube de leitura entre os muros do cárcere

O clube de leitura é uma de minhas atividades mensais no sistema prisional, tendo em vista que sou agente de segurança penitenciária, formado em biblioteconomia e trabalho no setor de educação na prisão. Vou me prender as atividades do clube de leitura do ano de 2018, período em que tivemos bastante progresso em relação ao seu funcionamento e aos projetos vinculados ao clube. Neste ano, conseguimos vincular o curso de biblioteconomia da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto ao projeto remição pela leitura. Assim sendo, a universidade passou a ficar responsável pela correção das resenhas feitas pelos educandos e os alunos da instituição ficaram habilitados a visitar o clube. O clube realiza uma reunião mensal, a qual participam entre 25 e 50 sentenciados, sendo possível ao educando a escrita de uma resenha no final das discussões realizadas na reunião. Após a confecção das redações, ela é encaminhada ao universitários do curso de biblioteconomia da USP para correção. Se for aprovada, o educando recebe quatro dias de remição de pena. Vejam os livros lidos no ano de 2018:

Quadro 01: Livros lidos no clube de leitura em 2018

LIVRO	AUTOR	REUNIÃO
QUE ENCHENTE ME CARREGA	MENALTON BRAFF	01.2018
A LENDA DO VIOLEIRO INVEJOSO	FABIO SOMBRA	03.2018
CARRASCO DE GOLEIRO	LUIZ PUNTEL, BRÁS HENRIQUE	04.2018
O MENINO DO PIJAMA LISTRADO	JOHN BOYNE	06.2018
LONGE COMO O MEU QUERER	MARINA COLASANTI	07.2018
O VELHO E O MAR	ERNEST HEMINGWAY	10.2018
FORA DA TRILHA	PAUL STEWART/CHRIS RIDDELL	12.2018

Fonte: elaborado pelo autor

As discussões são bastante ricas e cheias de analogias com relação às questões levantadas pelos autores. Muitas vezes, fico pensando que o livro não agradou a maioria, porém quase todas as vezes as reuniões são profícuas e reflexivas. Veja minhas anotações após a reunião do clube sobre o livro “Longe como o meu querer”:

Hoje foi mais um dia de mediação do clube de leitura. O livro escolhido foi “Longe como o meu querer” de Marina Colasanti, o qual traz 24 histórias de personagens e cenários típicos de contos de fadas, além de ser construído por meio do imaginário feminino. Achei que não teria muita adesão, pois alguns presos já haviam falado, ao longo do mês, que acharam o livro muito difícil e tiveram que usar dicionário. Além disso, segundo relatos, alguns contos “não tinham pé nem cabeça”. Comecei a mediação tentando falar um pouco sobre a importância dos contos de fadas e de ler/conhecer outros tipos de literatura. Quando os presos começaram a falar, a surpresa foi enorme, pois não só gostaram do livro, como

trouxeram muitas reflexões sobre a visão da autora e a relação dos contos com suas próprias vidas. Armando disse que o conto “Longe como o meu querer” tem tudo a ver com ele: “Ah esse conto fala da força de vontade que é tudo pra nós que tá preso. Aqui temos que enfrentar muitas coisas para alcançar nossos objetivos, assim como a cortesã que mesmo seu pai tendo cortado a cabeça do seu amado ela nunca desistiu dos seus sonhos, e que iria longe, lá no mar para alcançar seu sonho. Wagner disse que o conto “O moço que não tinha nome” era sobre ele: “Eu fui uma pessoa sem nome durante quatro anos da minha vida, era viciado em álcool, dormia na rua, igual o moço que não tinha nome. As pessoas passavam na rua e você sentia o olhar de desprezo, eu não tinha nome pra elas, isso dói muito pra gente, eu só pensava em arrumar um jeito de beber mais, é por isso que tô aqui”. Rafael completou a reflexão: “Pra maioria das pessoas que estão lá fora, quem está aqui também não tem rosto nem nome” (Diário de campo, 2018)

Essas reflexões são constantes durante todo o debate, os presos fazem autorreflexão e se colocam na história. Deixo sempre correr livre os debates, faço interferências apenas nos momentos em que eles insistem em querer falar ao mesmo tempo. Interessante quando eles não gostam do livro, como aconteceu, por exemplo, em relação ao livro “O velho e o Mar” em que apesar de o personagem “Santiago”, o velho pescador, ter recebido admiração dos leitores por conta de sua história de luta com o grande peixe, eles não gostaram do final.

Lembro o leitor que no final deste “best-seller”, o velho Santiago retorna à sua casa com apenas a carcaça do grande peixe amarrada em seu barco, já que o peixe recebeu ataques dos tubarões que devoraram toda sua carne. Os educandos ficaram indignados: “Eu mudaria o final deste livro. Já pensou o velho Santiago chegar com um peixe daquele tamanho depois de dias de luta, aí sim (Diário de campo, 2018). Tanto não gostaram, que na próxima reunião cujo livro escolhido era “Fora da Trilha” de Paul Stewart e Chris Riddell, logo no início o educando indagou: “Ah seu Ciro, esse livro (Fora da trilha) é bem melhor que o outro (O velho e o Mar), pelo menos tem o final feliz. Aquele outro nada a ver (Diário de campo, 2018). Diante desse quadro, a última coisa que o preso quer escutar é um final triste. Tanto é verdade que os livros de maior retirada na biblioteca são os de autoajuda e os religiosos. Além dos de direito é claro.

O clube de leitura se destaca não só pelo fato de proporcionar aos educandos um processo reflexivo que está para além do cárcere e que pode transformar sua vida, mas pelo fato de realizar leituras complexas com alguns livros de difícil compreensão, escritos que utilizam técnica literárias como fluxo de consciência. Exemplo disso, é possível observar a partir da leitura do livro “Que enchente me carrega” em que o escritor Menalton Braff, ganhador do prêmio Jabuti em 2000, feita pelo clube em evento que homenageou o dia nacional do livro:

Figura 01: Escritor Menalton Braff no Clube de Leitura



Fonte: Fundação "Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel" – Funap (Evento - Encontro Nacional do livro e da leitura)

O escritor participou de uma espécie de “Roda Viva” em que ele foi questionado pelos educandos sobre o seu livro. O autor se impressionou com a qualidade da leitura feita pelos presos, que segundo ele, seus alunos da faculdade tiveram dificuldade em ler. Posteriormente, o autor deu entrevista a FUNAP e concluiu: “Quando eu saio daquele ambiente (prisão) eu fico pensando, eu não sei se eu confio mais naqueles que estão lá dentro ou nesses que estão aí fora”.

Vale ressaltar que, dos seis educandos que se encontram sentados no clube (Figura 01) participando dos questionamentos feitos a Menalton, dois são universitários (estavam fazendo curso Teologia e Pedagogia - EAD dentro da unidade), um era concluinte do ensino médio na prisão e já havia atingido a nota no ENEM para cursar engenharia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e os outros eram alunos regulares na prisão.

Considerações Finais:

Este relato objetivou demonstrar como se dá o funcionamento de um clube de leitura em uma unidade prisional no interior de São Paulo. Foi possível perceber que o clube de leitura se destaca como meio de aprendizagem, autorreflexão e cumpre papel essencial no processo de integração social e letramento da pessoa em situação de privação de liberdade, atuando como espaço de apropriação do conhecimento e interação, além de permitir ao educando a possibilidade de visualizar outros mundos para além do cárcere. O relato pretende dar visibilidade a projetos que acontecem no interior da prisão, incentivar o apoio a esta iniciativa

pelos presídios do país, além de buscar aproximação entre a universidade e as problemáticas do sistema prisional.

Referências:

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Mediação da informação: um conceito atualizado**. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José da (Org.). Mediação oral da informação e da leitura. 1ed. Londrina: ABECIN, 2015, v. 1, p. 09-32. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/11990>>. Acesso em 15.02.2018.

BRAFF, Menalton. Reeducandos do CPP de Jardinópolis participam de debate com Menalton Braff. 2017. Entrevista concedida a FUNAP. Disponível em: <<http://www.funap.sp.gov.br/site/index.php/noticia/155?fbclid=IwAR1RxCRCtN-LEJucHamKcywWZBnXmqVooU8IFoyWThnykgZGGNy4jqpM5IU>>. Acesso em 10.02.2019.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. **Institui a lei de execução penal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l7210.htm>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BRAFF, Menalton. **Que enchente me carrega?** Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica, 2000.

CARVALHO, A. L. C. de. **Foco narrativo e fluxo de consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.

DOSTOIÈVSKI, F. **Memória da casa dos mortos**; tradução Natália Nunes. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

LEHMANN, Vibeke. Challenges and Achievements at US Prison Libraries. **Library Trends, Projeto MUSE**, vol. 59, n.03, p. 490-508, 2011. Disponível em: < [doi: 10.1353 / lib.2011.0002](https://doi.org/10.1353/lib.2011.0002)>. Acesso em: 20.01.2017.

MONTEIRO, Ciro Athayde Barros; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Intelectual orgânico como mediador da informação: algumas considerações acerca de um diálogo possível. **INCID: REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, v. 8, p. 92-105, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/131637>>. Acesso em: 11.06.2018.

SOUZA, W. E. R. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação & Informação** (Online), v. 23, p. 673-695, 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>>. Acesso em: 02.01.2019